



CANANÉA, Fernando Abath (Org.). **Novos Olhares Artísticos-Culturais**. João Pessoa: Gráfica e Editora IMPRELL, 2011, 112p.

## **UM NOVO OLHAR INTERDISCIPLINAR SOBRE A ARTE, A CULTURA E A EDUCAÇÃO**

Eduardo Beltrão de Lucena Córdula  
Universidade Federal da Paraíba  
Professor de Educação Básica da Prefeitura de Cabedelo-PB  
[ecordula@htomail.com](mailto:ecordula@htomail.com)

A arte, a cultura e a educação, formam uma tríade que precisam ser tratadas de forma interdisciplinar e transdisciplinar, pois os saberes envolvidos, de forma pluritemática, constroem não somente a identidade das comunidades, mas também, da sociedade, e entram diretamente na formação do ser humano, como indivíduo, também como entidade biológica, social, histórica e política.

A obra por se tratar de uma coletânea, encerra em seus capítulos os saberes que envolvem a tríade anteriormente citada, de modo que se interligam numa fluidez que permite uma leitura envolvente e de aprofundamento entre os temas relacionados, indo da ludicidade e dos direitos humanos, passando pelas diversas expressões artísticas e os métodos envolvidos, culminando na pedagogia e no sistema educacional na formação da criança na escola contemporânea.

A “Importância do Lúdico na Educação Infantil” (p.09-21), tratada por Débora Carvalho Brito, enfoca que, concomitantemente, o brincar e o aprender, por fazer parte da natureza humana, é uma advento necessário na sua formação, porém, a tecnologia crescente está substituindo o fazer brincar, pelos jogos e brinquedos eletrônicos. Há uma necessidade eminente de resgatar o lúdico, que é uma abordagem pedagógica que deve ser utilizada na formação na criança, pois, além de desenvolver a sua cognição, estimula a socialização, a afetividade, a motricidade, a

criatividade e resgata as tradições locais. E a escola, tem seu papel crucial no fomento do lúdico através das brincadeiras tradicionais e jogos criativos e de estímulo à lógica. “É preciso incluir as atividades lúdicas no planejamento pedagógico, de modo a melhorar a qualidade da aprendizagem e do desenvolvimento dos educandos” (p.20).

O lúdico também permeia as “Artes Cênicas na Educação Infantil” no capítulo de Ailza de Freitas Oliveira (p.22-29) que aborda a interpretação/encenação como uma metodologia para formação da criança na educação infantil. Desenvolve em sua análise, as artes cênicas como um meio de encantamento, satisfação pessoal e alegria na construção da identidade cognitiva do infante, em virtude desta abordagem desmistificar tabus, mitos e demais estigmas negativos da sociedade. É um método motivacional que resgata o prazer de ser, de aprender, de mudar, evoluir e criar valores, aptidões e autoconhecimento. “Em nosso processo todos que estão na sala de aula são protagonistas e integrantes da cena de estudar e aprender” (p.29).

Conhecer o protagonista educando é vital e as várias formas de avaliá-lo garantem ao educador meios para planejar o desenvolvimento educacional da criança. Desta forma, no capítulo sobre “Avaliação Musical” (p.31-41), por Yuri Moreira Ribeiro e Nadya de Araújo Amorim, que navegam pela epistemologia do processo avaliativo, resgatando conceitos e sua história na educação, com enfoque na LDB ao longo de sua evolução. E a avaliação, como recurso didático da pedagogia, ganha suma relevância na educação musical, como meio de mensurar a criatividade individual do aluno. “Esses critérios permitem avaliar o trabalho musical dos alunos nas atividades de composição, execução e apreciação de forma cumulativa” (p.35). Portanto, a avaliação pode ser empregada como meio dialético de diagnóstico para o crescimento não só individual do aluno, mas do grupo, dentro da composição e harmonia musical.

Dentro das artes, a “Dança na Escola” também ganha dimensão pedagógica, através do capítulo de Joelma Ferreira Dantas (p.42-46), em sua pesquisa de

revisão sistêmica, onde afirma que, através do corpo o educando pode se expressar, externalizando o seu EU interior e como este se relaciona com o mundo. Desta forma, pode se trabalhar a construção da identidade da criança, com desenvolvimento das habilidades não só motoras e também qualitativas, para sua plena formação e estímulo às potencialidades humanas. Todo este trabalho corpóreo-cognitivo se reflete diretamente na socialização e desenvolve na criança um postura de autoavaliação, o que resgata sua identidade humana e biológica no favorecimento do autocontrole, do intelecto e do sócio-afetivo. “No âmbito escolar tem muito a contribuir, porém se trabalhada de forma competente e séria, não apenas obedecendo a calendários comemorativos, formando assim, indivíduos pensantes, críticos, seguros de si e preparados para o mundo de adversidades” (p.45).

Para plena formação humana do educando, se faz necessário uma visão reflexiva através de uma “Educação Popular e Possíveis Diálogos Críticos” (p.47-60), no capítulo de Fernando A. Abath L. C. Cananéa, que enfatiza em seus estudos que a sociedade globalizada entra em conflito direto com os direitos estruturantes ligados aos saberes tradicionais da cultura popular. Estes, quando em processos harmoniosos garantem o bem-estar social e a transmissão do conhecimento popular, que é à base da estruturação da identidade de uma população. Sua intensidade na forma de exposição das questões ligadas a opressão pelo modelo mercadológico, que suprime a educação popular, expõe o paradoxo das políticas e gestão públicas de suas responsabilidades em manter o equilíbrio desta conservação e transmissão da cultura popular, mas que na verdade ainda não assume o seu papel de resgate desta forma de identidades e saberes, e que precisam urgentemente de um neoparadigma para fomento de políticas de inclusão social. “Está em curso um processo em que conhecimento é política e estratégia. A educação popular tem significativo papel nessa construção dos diálogos de novos tipos entre os diferentes sujeitos sociais e suas ações intervencionistas “ (p.58).

No “Declínio do Nome-do-Pai e a Violência Contemporânea” (p.61-73), Regina Maria Peregrino Pimentel de Oliveira traça um esboço com base na psicanálise sobre a violência no sujeito, para delinear o processo de reconstrução da identidade do sujeito acometido por esta síndrome psico-social. A violência é vista como um amorfo oriundo da psicose do declínio da função paterna e da falta da perversão do símbolo social familiar, confrontados muitas vezes no complexo de Édipo, e como isto afeta o discernimento da criança sobre as questões de ordem legal, de condutas e regras na sociedade contemporânea. Sua profundidade simbólica em como trata a metáfora paterna, que é muitas vezes distorcida, massacra a identidade e o caráter em formação na criança, conjuntamente, com as relações inter-humanas e a supressão da pulsão sexual infantil, e que, com base em Lacan, todo este mapa psicanalítico provoca e estimula a gênese da agressividade e da violência. “É o imperativo do gozo não-todo frente ao fracasso do gozo fálico abolindo o campo da castração, ou seja, da impossibilidade. É outro gozo próprio da contemporaneidade onde a função paterna e o discurso universal declinam em favor de um avanço da exceção e da singularidade” (p.72).

Após uma profunda análise baseada em Lacan, mergulhando em simbolismo, metáforas e paradigmas sócio-psicanalíticos, a obra volta a tratar da importância social de tradições folclóricas e culturais neste capítulo, ligadas a “Resistência e Tradição no Auto da Lapinha” (p.74-81), de Maria Cely de Sousa Silva, que resgata a historicidade da tradição da Lapinha como expressão popular, indo da sua origem sagrada e que se difundiu amplamente, tornando-se também, um momento de festividade profana, como folguedo popular dramático no Brasil. Há, portanto, o dever e o papel crucial da sociedade em resgatar e manter tradições como esta, pois, “houve uma época que havia muitas Lapinhas na cidade e as festas natalinas eram animadas por essa brincadeira que em cada bairro da cidade envolvia toda a comunidade” (p.78).

Tendo como base as encenações como recurso na formação do ser humano, o “Teatro: uma pedagogia Prazerosa” é o capítulo de Maria Wilma Albuquerque da

Costa, que coloca através de sua sensibilidade e exploração da teoria sobre a temática à sua promoção como meio de se experienciar o processo de ensino-aprendizagem na educação formal, em virtude do seu caráter formador, de estímulo às habilidades dialógicas e criativas, e que deve ser inserido na matriz curricular escolar. Como metodologia pedagógica, o teatro estimula a criança a superar seus limites e, ao mesmo tempo, impõe desafios que ampliam o processo de formação cognitiva, social, psicológica, afetiva e das relações interpessoais. Nesta abordagem, a autora afirma que estas atividades podem ser desenvolvidas em sala de aula e outras nos espaços disponíveis nas escolas, como exercício a apresentações simples e mesmo ao desenvolvimento de execuções mais complexas. “Arte em geral é o caminho da sensibilização e do desafio, cada uma dentro das suas especificidades” (p.91).

E, finalizando a obra, temos o “Teatro do Oprimido” (p.93-112), de Soraya de Souza Oliveira, faz uma declaração de amor ao ato de educar ao abordar com propriedade os direitos humanos na educação básica em uma escola pública na cidade de Ingá, município da Paraíba, através do teatro como recurso e linguagem metodológica – Teatro de Imagem e Teatro do Invisível – que podem tratar amplamente essa temática na plena formação do educando. Sua pesquisa-ação de cunho qualitativo tem no Teatro do Oprimido, uma manifestação não formal de intervenção social que amplia o processo de discussão e criticidade, tendo como protagonistas teóricos Augusto Boal e Paulo Freire, para o entendimento quanto ao estímulo do exercício e conhecimento sobre os direitos humanos na sociedade contemporânea. “O teatro como estratégia de ensino deve ser entendida de forma lúdica, a partir de jogos e exercícios que instiguem o alunado a um autoconhecimento, além do pensar crítico sobre a sua realidade, onde o mesmo compreende os mecanismos para transformar essa realidade” (p.110).